

**MAPAS CONCEITUAIS E OS SENTIDOS DE JUVENTUDE(S) NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO****CONCEPTUAL MAPS AND THE SENSES OF YOUTH(S) IN RESEARCH IN EDUCATION****MAPAS CONCEPTUALES Y LOS SENTIDOS DE LOS JÓVENES EN LA INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN****Luis Paulo Cruz Borges**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

E-mail: borgesluispaulo@yahoo.com.br<https://orcid.org/0000-0002-2153-5229>**RESUMO**

O presente artigo apresenta uma das etapas de uma pesquisa, revisão de literatura, ainda em andamento. O principal objetivo deste trabalho é realizar investigações de diversas pesquisas e produções, a partir de artigos acadêmicos nos últimos anos, com foco na(s) juventude(s), afim de analisar quais conceitos ligados à juventude são encontrados. Para isso, foram elaborados Mapas Conceituais como escolha do caminho metodológico, pensando também em sua relevância e contribuição à educação. As teorizações se fundamentam na Sociologia da Educação nos auxiliando nos processos analíticos e descritivos dos dados. Em linhas gerais, como resultados preliminares, a pesquisa mostrou através da revisão de literatura e da produção de mapas conceituais que foi possível a problematização dos conceitos de juventudes no âmbito do campo educacional. O artigo apresenta reflexões e uma análise crítica sobre a produção de conhecimento na área, possibilitando uma polissemia das ideias de juventude e redimensionamento do olhar para o tema. As conclusões indicam que esse processo permitiu estabelecer novas relações entre significados e significantes do objeto de estudo, evidenciando complexidades que se materializam na pluralidade do conceito em diálogo com as categorias de classe social, gênero e sexualidade, raça/cor, ensino médio e território.

Palavras-chave: juventudes, mapas conceituais, pesquisa em educação, escola.

ABSTRACT

The current article describes one of the ongoing phases of the research, a literature review. The primary objective of this work is to evaluate contemporary research and productions based on academic publications. It focuses on youth(s), to determine which concepts are associated with this term. As methodology conceptual maps were developed, to elaborate on

the relevance and contribution of youth's concepts to education. The sociology of education provides a theoretical foundation for the analysis and description of the data. Through the literature study and the construction of conceptual maps, the research demonstrated, as preliminary findings that it was able to problematize the concepts of young people in the field of education. The essay gives reflections and critical analysis on the development of knowledge in the field, allowing for a polysemy of youth's views and resizing the theme's comprehension. The finding allowed for the establishment of new relationships between signifiers and meanings and of the object of study, revealing complexities that materialize in the concept's multiplicity, which engages in dialogues with the categories of social class, gender, sexuality, and race/color, high school, and territory.

Keywords: youths, conceptual maps, education research, school

RESUMEM

Este artículo presenta una de las etapas de una investigación, revisión de la literatura, aún en curso. El objetivo principal de este trabajo es realizar la búsqueda de investigaciones y producciones, a partir de artículos académicos de los últimos años, enfocándose en la(s) juventud(es), con el fin de analizar qué conceptos relacionados con la juventud se encuentran. Para ello, se elaboraron Mapas Conceptuales como opción de camino metodológico, considerando también su pertinencia y aporte a la educación. Las teorizaciones se basan en la Sociología de la Educación, ayudándonos en los procesos analíticos y descriptivos de los datos. En términos generales, como resultados preliminares, la investigación mostró a través de la revisión bibliográfica y la elaboración de mapas conceptuales que fue posible problematizar las concepciones de los jóvenes en el ámbito del campo educativo. El artículo presenta reflexiones y un análisis crítico sobre la producción de conocimiento en el área, posibilitando una polisemia de las ideas juveniles y un redimensionamiento de la mirada sobre el tema. Las conclusiones indican que este proceso permitió establecer nuevas relaciones entre significados y significantes del objeto de estudio, evidenciando complejidades que se materializan en la pluralidad del concepto en diálogo con las categorías de clase social, género y sexualidad, raza/color, educación secundaria y territorio.

Palabras clave: juventud, mapas conceptuales, investigación en educación, escuela.

Introdução

Este estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla, ainda em andamento (2019-2022), que tem como objeto de estudo os sentidos de juventude e futuro de jovens estudantes do Ensino Médio. Para este artigo, elegemos um recorte que trata da revisão de literatura e da produção de mapas em sua natureza conceitual. A pesquisa também faz parte de um Grupo de Estudos e Pesquisa, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que vem realizando uma agenda de investigação tendo os sentidos de

futuro da juventude como objeto de estudo.

O que é ser jovem? É uma pergunta que evoca muitas dimensões e significados correlatos à juventude, ou mesmo, juventudes no plural. De acordo com Sposito (1997) a categoria juventude nos traz uma questão sociológica já que a mesma opera nas dimensões históricas e culturais. Mais que uma palavra juventude torna-se um campo profícuo de investigação capaz de ensejar novas teorizações sobre/para a Sociologia da Educação (SPOSITO; SOUZA; SILVA, 2018).

As diversas juventudes classificadas por grupos etários evidenciam questões e desafios encontrados em cada uma de suas prioridades retratados nos campos da educação, trabalho e vida familiar. Ao olharmos para os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) de 2018, há cerca de 33 milhões de jovens brasileiros com idade entre 15 e 24 anos, o que corresponde mais de 17% da população no país. O Instituto informa que 23% dos jovens no Brasil não trabalham e nem estudam, sendo considerados jovens “nem-nem”. Uma adjetivação que vem ganhando destaque, sobretudo, na grande mídia. Contraditoriamente, a mesma pesquisa revela que os jovens vêm buscando trabalho. Os dados indicam que “31% dos jovens estão procurando trabalho, principalmente os homens, e mais da metade, 64%, dedicam-se a trabalhos de cuidado doméstico e familiar, principalmente as mulheres”. Percebemos, assim, leituras possíveis para as desigualdades de gênero.

Quais são as dimensões do que é ser jovem no Brasil? As juventudes e seus dilemas, atualmente, vêm encarnando discursos e corpos que estão presentes nas tevês, jornais, redes sociais, nos estudos, enfim, estão visíveis como sujeitos sociais. Dessa forma, a juventude é entendida como uma categoria de análise social pulsante, mas que enfrenta sérios embates porque ainda se pretende ser. Jovens que, vivendo no mundo em fluxos distintos, partilham sentidos que convergem e divergem concomitantemente (DAYRELL, 2003; 2007). Carrano e Brenner (2014) sintetizam, a partir do olhar legal, classificações para a juventude.

No Brasil, jovem é o grupamento social compreendido entre 15 e 29 anos completos. Esta definição passou a vigorar no ano de 2010 com a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional n. 65, que ficou conhecida como a PEC da Juventude. O termo jovem foi incorporado, então, ao texto da Constituição Federal. Este grupo é dividido em três subgrupos: 1) o jovem-adolescente, com idade entre 15 e 17 anos; 2) o jovem-jovem, entre 18 e 24 anos; e 3) o jovem adulto, com idade entre 25 e 29 anos (CARRANO; BRENNER, 2014, p.1225)

Nosso objetivo primário foi investigar diferentes pesquisas/produções, a partir de artigos acadêmicos, com foco nas juventudes, ou seja, colocamos relevo sobre a natureza conceitual que envolve um campo de pesquisa em ascensão na atualidade. A primeira etapa, aqui relatada, consiste na investigação do objeto de estudo visando à revisão bibliográfica e ao aprofundamento teórico com foco na leitura de 100 artigos e produção dos seus mapas conceituais no período dos últimos nove anos (2014 até 2022). Entendemos que ao analisar relatos de pesquisas sobre as juventudes contribuímos, sobremaneira, para um avanço no campo da Sociologia da Educação, posto que nas tensões e disputas do campo pressupõe embates de conservação e transformação de forças internas e externas ao próprio campo (BOURDIEU, 2004).

Em primeiro lugar, apresentaremos o conceito de mapa conceitual e sua contribuição à educação indicando os aspectos metodológicos e históricos de como fazer os mapas. Em segundo lugar, indicaremos o que dizem os mapas conceituais sobre o conceito de juventude, de forma a evidenciar a dimensão conceitual como chave analítica importante à produção de conhecimento e suas possíveis contribuições. Por fim, traremos considerações finais articulando uma proposição para novas agendas de pesquisa que tenham como foco a juventude, ou mesmo, as juventudes.

Mapas conceituais e sua contribuição à educação

A metodologia de um estudo nos descreve o percurso realizado pelo pesquisador, como ele chegou aos resultados apresentados na escrita do trabalho final e os embates ocorridos no cotidiano da investigação. O debate em torno desse trajeto pode ser bem compreendido no livro “Itinerários de Pesquisa” (ZAGO; CARVALHO; VILELA, 2003), em que diversos/as autores/as nos indicam as contradições, disputas e tensões em se fazer pesquisa no campo das Ciências Humanas e, em especial destaca-se, da Educação.

Os usos dos mapas conceituais vêm sendo desenvolvido pelo Núcleo de Etnografia em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NetEdu/UERJ), entendendo que o mesmo possibilita uma investigação de conceitos que auxiliam no arcabouço teórico da pesquisa (BRAGANÇA, 2008; ARAUJO, 2016, 2019; MATTOS; BORGES; CASTRO, 2013).

Compreende-se que os mapas foram desenvolvidos na década de 1970, nos Estados Unidos da América (E.U.A), pelo pesquisador Joseph Novak. Segundo o autor o mapa conceitual possibilita uma maneira de organizar e representar o conhecimento. Sua utilização está intimamente ligada às questões da metacognição possibilitando novas aprendizagens, ou seja, a estruturação do conhecimento em seu processo dinâmico de transformação (NOVAK, 1991). Como os mapas podem contribuir com a produção de conhecimento no Brasil?

De acordo com Araújo (2019) o mapa conceitual é um instrumento metodológico criado de forma autônoma e reflexiva em diálogo com os objetivos de uma pesquisa. Ainda segundo a autora, o mesmo pode contribuir para uma possível revisitação dos dados da investigação criando, permanentemente, novos esquemas para consubstanciar as análises conceituais.

Compreende-se que o mapa conceitual é um instrumento metodológico que pode ser criado de forma autônoma e reflexiva em acordo com os objetivos da pesquisa e da habilidade e sensibilidade teórica. Além de proporcionar um esquema de análise conceitual das abordagens teórico-metodológicas encontradas em cada texto do estudo, o mapa conceitual possibilita a revisitação dos dados a todo o momento do estudo (ARAÚJO, 2019, p. 47).

No campo educacional, entendemos que os mapas conceituais podem contribuir para um mapeamento dos conceitos, metodologias e referências utilizadas na/pela pesquisa. De acordo com Mattos *et al* (2013, p. 35), “os mapas representam de forma clara o conjunto de conceitos construídos em uma produção de conhecimento em acordo com a pertinência de um tema de pesquisa a ser investigado”.

As análises dos mapas são feitas de forma qualitativa, permitindo assim uma correlação de significados e significantes para a sua construção. Os mapas representam de forma detalhada o conjunto de conceitos construídos em uma determinada produção de conhecimento em sua correlação temporal.

O *corpus* do estudo é composto de artigos publicados em revistas indexadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A indexação é um registro dos periódicos acadêmicos que qualifica uma revista avaliando pontos da editoração, artigos e produção. Enfatizamos que existem diversas críticas sobre os processos de avaliações, contudo, o modelo está em vigor em todo o país. Destacamos, por exemplo, alguns

sites de busca como *Brasil Scientific Electronic Library Online* (SciELO.br); Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd); o Google Acadêmico; Rede Iberoamericana (REDIB); entre outros sistemas de indexação. Esses sites publicam as produções dos programas de pós-graduação, das agências de fomento à pesquisa, associações de pesquisadores, revistas eletrônicas, bibliotecas virtuais, sites do governo, dentre outros órgãos.

Os descritores da busca estavam relacionados, especificamente, às juventudes e aos jovens. Tivemos como meta ler e analisar 100 artigos para produzir, igualmente, 100 mapas conceituais dentro do período de 2014 até o presente momento (2022), gerando reflexões que dialogassem com o campo pesquisado. Salienta-se que dentro do período temporal de busca dos textos, das experiências e políticas públicas, vivemos no Brasil um golpe político parlamentar contra a presidenta do Partido dos Trabalhadores (PT) Dilma Rousseff (2011-2016), ou seja, as políticas de governo e as produções acadêmicas foram atravessadas pelas lutas e conflitos na produção de conhecimento em pauta.

Organizamos nosso mapa conforme o exemplo contido na ilustração I.

Figura I

Mapa Conceitual

Referência do artigo (ABNT)		
JUVENTUDE(S) (Qual o conceito?)	METODOLOGIA (Como foi realizada a pesquisa?)	REFERENCIAL TEÓRICO (Conceitos e autores utilizados no texto)

Fonte: os autores.

Cada parte do mapa representa olhares que envolvem os processos teóricos-metodológicos de um estudo. Qual conceito de juventude operado pelos/as pesquisadores/as? Quais os processos metodológicos da pesquisa sobre/com/para as juventudes? Quais conceitos e autores/as consubstanciam as teorizações sobre juventudes? A partir dessas reflexões outras questões surgiam e foram colocadas para debate, coletivamente, no Grupo de Estudos e

Pesquisa, que se reunia quinzenalmente de forma síncrona. A pandemia causada pelo coronavírus (COVID-19), também trouxe impactos aos formatos e modelos de se fazer pesquisa, dessa forma, tivemos que sair do presencial para o virtual pensando ações de forma síncrona e assíncrona.

O trabalho permitiu estabelecer novas relações entre significados e significantes do objeto de estudo, evidenciando complexidades na leitura e debate dos textos acadêmicos. Ao longo do processo geramos uma reflexividade possível do conhecimento produzido a partir do olhar *sobre/com* outras investigações.

Podemos pensar que o processo de análise de dados de uma pesquisa envolve, por vezes, um longo e cuidadoso trabalho. Sugere-se que a análise dos dados seja iniciada durante toda a realização da investigação de modo que seja pensada e repensada no próprio ato de pesquisar. As análises ocorreram pela conceituação do conteúdo como um conjunto de técnicas que podem ser classificadas como análise das comunicações, assim, objetiva-se “procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2011, p. 46). Dessa forma, realizamos as seguintes etapas: a i) preparar as informações; ii) unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; iii) categorização ou classificação das unidades em categorias; iv) descrição; v) interpretação.

Senna (2006) nos fala sobre as categorias de um estudo, pois representam uma descrição dos sistemas simbólicos de uma determinada realidade. Após leitura, produção dos mapas e debate, produzimos categorias que nos ajudassem agrupar temas gerando sentidos ao que fazíamos. Dessa forma, Castro (2006) nos ajuda a pensar que a categoria temática é uma atribuição de qualidade determinada. “Atualmente, este sentido de atribuir uma qualidade surge com a finalidade de ‘possibilitar’ a análise do objeto ou do campo de estudo” (CASTRO, 2006, p. 60).

Em nosso caso, entendemos que a categorização se dá por agrupamento das temáticas, o que pressupõe uma organização que “estuda os conteúdos por núcleos de sentido e tematiza os depoimentos” (FONTOURA, 2008, p. 138). As temáticas utilizam-se das relações de sentidos que os sujeitos da pesquisa dão ao corpus de análises. Nesta perspectiva, as “temáticas são sempre uma constante no estudo” (FIGUEIREDO, 1999, p. 49).

A natureza conceitual que estamos trabalhando a partir dos mapas geram uma reflexividade necessária para avançarmos e aprofundarmos nossas análises em diálogo com a empiria. Os mapas vão redimensionando nosso olhar para a pesquisa *sobre/com* as juventudes à medida que nos debruçamos mais e mais em seus aspectos conceituais, metodológicos e teóricos. Categorizar e tematizar são ações inseridas dentro do escopo da imaginação sociológica (MILLS, 1975), capaz de dimensionar processos históricos e sociais que nos ajudam a pensar nas questões públicas.

O que dizem os mapas conceituais sobre o conceito de juventude

Dayerrll (2003, 2007, 2010) evidencia que há múltiplas dimensões da condição juvenil na atualidade, a saber, o trabalho, as culturas juvenis, a sociabilidade, o espaço e o tempo, a transição para a vida adulta, as mudanças no processo de socialização, a relação entre os jovens e a escola e, por fim, os jovens, a escola e o ensino. O autor também afirma:

“... entendemos juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona” (DAYRELL, 2003, p. 42).

Há uma discussão sobre o mundo da cultura, das identidades juvenis como constituição de pertencimento e da relação dos jovens com as tecnologias e as formas de lazer. É possível pensar em termos tais como indústria cultural, grupos culturais, galeras e gangues, movimentos de jovens, produção cultural etc. O autor relaciona temas que se coadunam com a configuração espacial das cidades brasileiras, instituições hegemônicas e uma possível “crise de autoridade”.

De acordo com Miguel (2013, p.36): “Presenciam-se na vida contemporânea impasses e avanços de uma juventude que se vê desamparada diante da insuficiência de dispositivos sociais que lhe indiquem um lugar que deva ocupar”. Contudo, a mesma autora afirma, que “a imagem da juventude é cada vez mais usada como um ideal” (MIGUEL, 2013, p. 36). Defende-se, aqui, a ideia de juventude em trânsito, com seus deslocamentos e rasuras no presente e no futuro, para indicar os movimentos acelerados, ou paralisados pelos quais a

juventude perpassa. Uma juventude que estando, também, na escola nos faz pensar em suas relações com o conhecimento escolar (BORGES, 2018). Há uma multiplicidade de juventudes dentro/fora da escola. Assim, questionamos cotidianamente se estamos olhando para essa pluralidade juvenil existente no mundo, ou apenas reforçando sentidos já existentes.

O passado e o presente, tão massacrados pelas crises e guerras que trazem uma imagem turva do tempo. O futuro surge como possibilidade de esperança em algo estável, melhor. É nessa projeção de si e do mundo que se destaca a relação dos jovens com o conhecimento proposto pela escola. Uma relação que ocorre de forma tênue, talvez pela impossibilidade de diálogos, mas que carrega sentidos para o entendimento de que tipo de conhecimentos os estudantes desejam ter como experiência. Há uma escuta dessas vocalizações?

Talvez a escola, aqui, ganhe centralidade por perpassar muitas dimensões simbólicas e institucionais nos estudos sobre as juventudes. Mas, precisamos ficar presos/presas a ela? O que vem ocorrendo, dia a dia, nas mídias sobre o genocídio da população jovem e negra, isso tem sido investigado?

Os dados sobre a letalidade juvenil no Brasil estão, ora baseados na pobreza, ora nas questões raciais. O futuro torna-se, então, uma efemeridade diante da violência que atinge boa parte dos jovens no país, de forma geral, e no Estado do Rio de Janeiro, em particular.

Destaca-se que os estudos sobre a letalidade juvenil no Brasil que se basearam em dados do Ministério da Saúde, ao codificarem os óbitos dos jovens nas suas pesquisas, utilizaram “a causa básica, entendida como o tipo de fato, de violência ou de acidente causador da lesão que levou à morte”. Em linha gerais, registram-se três grandes causas: 1) acidentes de transportes, 2) homicídios e 3) óbito por arma de fogo. Embora as duas últimas causas se sobreponham, ou seja, ambas levam ao óbito, a distinção entre elas se fez necessária. Ao distingui-las, o órgão da saúde que as registra deu destaque à presença da arma de fogo na sociedade e sua disseminação entre os grupos vulneráveis (GONÇALVES, 2012, p.56).

A vulnerabilidade, destaca o autor, está relacionada ao gênero, meninos, e também à cor, pretos e pardos. O poder de dizer quem vive e quem morre é um poder de determinação sobre a vida e a morte. Podemos pensar no campo sociológico que há uma racionalidade na aparente irracionalidade desse extermínio que opera nas relações estabelecidas com os jovens de um determinado segmento social. O processo de exploração e do ciclo em que se estabelecem as relações neoliberais opera pelo extermínio dos grupos que não têm lugar

algum no sistema, uma política que parte da exclusão para o extermínio, ou seja, uma necropolítica (MBEMBE, 2018). A necropolítica é entendida como uma tecnologia contemporânea em que “subjugam a vida ao poder da morte reconfigurando profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror” (MBEMBE, 2018, p. 146). Dessa forma, o racismo presente nas estruturas sociais com a concepção de necropolítica vem silenciando corpos juvenis, sobretudo, negros em nossa sociedade.

O desejo de um futuro com mais oportunidades e sem desigualdades sociais e raciais, sobretudo pensando o genocídio dos estudantes negros e meninos, talvez seja um indicativo das fronteiras que a escola precisará ultrapassar para se pensar como instituição sob rasura (HALL, 1997; BORGES, 2018). A escola moderna está imersa numa arena em disputas de poder e saber que estão relacionadas a mudanças e transformações modernas e pós-modernas. O debate, fraturado e não superado, (re)resiste nas vozes discentes.

Posta tais considerações, analisamos quais conceitos de juventude estão presentes na produção acadêmica no tempo presente e como os mesmos vêm sendo significados a partir das categorizações temáticas que organizamos, ou seja, como os mesmos podem aparecer adjetivados: i) protagonismo juvenil; ii) juventude como grupo etário e biológico; iii) transversalidade da juventude; iv) projeto de vida dos jovens; v) pertencimento identitário do ser jovem; vi) juventude sendo produtora de subjetividades e diferença; vii) juventude performática; viii) juventude reflexiva; ix) condição juvenil; x) juventude escolarizada.

O *protagonismo juvenil* está relacionado às juventudes a partir do território, da produção de narrativas e do lugar de classe social. Os jovens são encarados como sujeitos da pesquisa, assumem centralidade e autoria com suas vozes, elaborando suas condições de ser e estar no mundo. Tal protagonismo nos possibilita pensar que as pesquisas que envolvem essas temáticas não compreendem os jovens, apenas, como informantes. Constroem com eles e elas dimensões simbólicas do pensar-fazer pesquisa em educação.

A dimensão *etária e biológica* pressupõe um recorte a partir da faixa de idade de 15 a 29 anos. O grupo etário vem evidenciando problemas e desafios encontrados em suas prioridades retratados nos campos da Educação, Trabalho e da Vida Familiar. Trazendo também os recortes de gênero, raça e posição econômica como marcadores sociais. O conceito de juventude trabalhado é a juventude pensada por grupo etário em suas diferentes demandas sociais, econômicas e culturais. Em quais condições e quais etapas da vida suas prioridades se

modificam? Traz à tona, ainda, os problemas e desafios nos processos de transição da adolescência para a juventude e da juventude para o mundo adulto.

A *transversalidade* faz parte de uma grande reflexão sobre a importância da existência de uma pluralidade nos estudos deste tema, ou seja, a juventude perpassa as pesquisas, mas não é trada de forma central. O foco estava muito mais na produção da Sociologia da Educação problematizando as principais perspectivas que direcionam o desenvolvimento da disciplina, mostrando que o estudo deveria superar a segmentação existente no campo para que não haja um empobrecimento reflexivo. O grupo investigativo também indicou que é preciso incluir temas ético-políticos-sociais atrelados à melhoria da pesquisa sobre juventudes.

O *projeto de vida* é apresentado numa perspectiva de como a juventude pensa e projeta suas ideias em relação ao futuro da vida, sobretudo, após ensino médio. No que a instituição escola pode contribuir para a ascensão desses jovens no campo do emprego e da educação? Sendo assim, é levantadas teorias de como, quando e porquê o jovem vem pensando no seu futuro durante sua juventude e quais são as dificuldades que eles enfrentam para continuar a acreditar na educação como meio de mudança de vida. Não encontramos projetos ligados à universidade, ou mesmo, pós-universidade. O Ensino Médio, ganhando destaque, é o lugar privilegiado dessa produção.

O *pertencimento identitário* do ser jovem é representado, também, pela ideia de adolescência. São abordados os diferentes modos de como a condição de juventude é, ou pode ser, exercida no recorte específico dos espaços-tempos escolares. Destaca-se que as condições de classe social contribuem para resultados distintos, dependendo de onde esteja partindo esta juventude. São pautadas discussões de quais são os discursos da escola acerca da adolescência e da juventude contemporâneas em termos de significação e identidade (individual e coletiva).

A *produção de subjetividades e diferença* encara o conceito de juventude significando-os como produtores de sentidos, conhecimentos e saberes acerca, principalmente, das suas próprias experiências escolares. Evidencia os desafios que a escola pode encontrar para lidar com essas múltiplas juventudes e convida a refletir a importância da singularização do sujeito (jovem) para a universalização da Educação. O fato da escola, espaço indispensável na sociedade, desconhecer os interesses dos jovens, cria, muitas vezes, a ideia de que são desinteressados. A escola não sabe lidar com as diversas juventudes a partir do olhar dos próprios jovens. É preciso ouvir essas vozes que ecoam nos corredores e nas salas de aula,

pois estão, certamente, cheias de vida e luz própria.

A *juventude performática* é uma categoria evocada por meio de etnografias, indicando que as narrativas e as vozes juvenis criam performances de acordos com os espaços-tempos sociais em que vivem. Discute-se, também, qual a relação do jovem com o futuro, com o processo de “projeção de si e do mundo” em que o mesmo vivencia na sua trajetória escolar. Há nesse conceito de juventude sentidos de esperanças, sonhos, objetivos e anseios muitas vezes que são limitados por sua condição social e suas trajetórias individuais. Ainda questiona-se qual o papel da educação nesse processo colocando relevo na desigualdade que faz os jovens atuarem de acordo com os lugares em que vivem.

A compreensão de uma *juventude reflexiva* está pautada na ideia de uma pró-atividade. Ainda que imersa dentro da lógica digital, também constroem seus códigos, identidades e subjetividades, esse movimento é refletido no espaço físico. Considerando a fluidez, cada vez mais acelerada, entre o virtual e o presencial há uma reflexão sobre ser jovem no século XXI, partilhando opiniões e experiências, principalmente, questões de redes sociais, relacionamentos e noções de futuro. Aqui destacam-se os processos vividos em tempos pandêmicos que ainda não observamos de forma mais contundente já que só em 2021 encontramos algumas produções sobre a pandemia causada pela COVID-19, mas de forma incipiente. Acreditamos que no próximo quinquênio teremos mais artigo sobre a juventude em tempos pandêmicos e seus efeitos no ciberespaço.

A *condição juvenil* traz a reflexão sobre como, em diversos lugares do mundo, é possível ter diferentes marcadores de juventude e cada vez mais esses processos são feitos de formas não lineares. Quando deixam de ser crianças e quando passam a ser adultos? Parte-se da ideia de se trabalhar com a condição juvenil. Tal categoria refere-se à condição de ser, a modos de agir, pensar e sentir dos jovens e suas vidas em sociedade. Tal condição juvenil se assenta nas perspectivas de mudanças ocorridas, principalmente, com as transformações do espaço, tempo, tecnologias, sistemas integrados de informação e comunicação etc. O ser jovem hoje assume um aspecto fluido, de deslocamentos.

A *escolarização juvenil* traz o conceito de juventude através da ideia de como os jovens enxergam na escola um caminho para conquistarem melhorias na vida, pensando nos seus desejos, sonhos e almejando projeções de futuro, por exemplo, trabalho, formação e profissão. Contudo, algumas pesquisas indicaram que os jovens, sobretudo das classes

populares, tinham uma cegueira que não permitia ver a precariedade das escolas que frequentavam. Assim, ao mesmo tempo que falavam da escolarização como possibilidade de mudança, a realidade demonstrava precariedade das condições materiais da escola, como falta de professores e professoras, acesso à internet, melhores materiais etc.

Por fim, os dez aspectos aqui abordados nos ajudaram no processo de delineamento da complexidade do que é ser jovem e como as diversas juventudes pesquisadas vêm significando suas experiências no mundo. Indicamos, também, que nosso processo de categorização e tematização é fruto da nossa imaginação sociológica (MILLS, 1975) nos possibilitando produzir sentido sobre o objeto de estudo em pauta.

“A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais. Dentro dessa agitação, busca-se a estrutura da sociedade moderna e dentro dessa estrutura são formuladas as psicologias de diferentes homens e mulheres. Através disso, a ansiedade pessoal dos indivíduos é focalizada sobre fatos explícitos e a indiferença do público se transforma em participação nas questões públicas (MILLS, 1975, p.11-12).

Considerações finais

O presente artigo, que faz parte de uma pesquisa mais ampla, ainda em andamento (2019-2022), justifica-se por tratar os sentidos de juventude e futuro de jovens estudantes do Ensino Médio. A partir da revisão de literatura e da produção de mapas conceituais problematizamos os conceitos de juventude, ou mesmo, juventudes nas pesquisas em educação.

A pesquisa em Ciências Humanas traz um desafio: compreender a complexa relação entre pesquisados/as e pesquisadores/as. Ao analisarmos as produções em educação e, especificamente, olharmos para os conceitos de juventudes constatamos que não há uma fixação do que venha a ser juventude, mas há uma análise que parte do recorte de um tipo de juventude presente na sociedade atual.

Desejamos contribuir nos processos de categorização e consolidação de conceitos acerca das juventudes no Brasil, sobretudo, pensando uma Sociologia da Juventude que esteja ancorada em suas múltiplas dimensões sociais, políticas, econômicas, culturais e epistêmicas.

[...] desenvolvimento de uma Sociologia da Juventude ancorada nos processos que configuram a sociedade Brasileira atual, quer sob o ponto de vista das transformações dos sistemas de ensino, do mundo do trabalho ou das tecnologias de comunicação e informação, quer que seja sob a ótica da sociologia da ação coletiva, dos movimentos sociais e dos estados culturais (SPOSITO, 2010, p. 101)

Diante disso, evidenciou-se que nesta etapa do estudo, foi possível, através dos encontros quinzenais, da revisão de literatura e da produção de mapas conceituais, investigar como se tem desenvolvido os conceitos de juventude presentes nas pesquisas em educação, viabilizando assim, “novas aprendizagens” sobre o tema foco em questão. O grupo percebeu, através da pesquisa e da análise dos mapas conceituais produzidos coletivamente, um rico conjunto de conceitos envolvendo a categoria “Jovem”, além de novas subcategorias onde a juventude é contemplada, em movimento e construção.

Foi possível observar que a “Juventude” não se trata de um movimento que cabe em apenas um único bloco, o jovem é, portanto, um sujeito plural e suas vozes são múltiplas e diversas. Além disso, a categorização dos dados coletados possibilita e viabiliza o surgimento de novos conceitos, categorias, estudos e discussões sobre o tema. Entende-se a pluralidade do conceito de juventude que dialoga com as categorias de classe social, gênero e sexualidade, raça/cor, ensino médio e território. Defende-se aqui que não podemos tratá-lo como ideia única.

Referências

ARAÚJO, A. M. Exclusão digital em educação no Brasil: um estudo bibliográfico. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016, 339f.

ARAÚJO, A. M. Instrumentos metodológicos para análise de conteúdo de pesquisa: mapa conceitual, Endnote e Atlas.ti formas e usos. In: Álvaro Daniel Costa. (Org.). **Cultura, cidadania e políticas públicas** 3. 1ed. Ponta Grossa Parana: Antonella Carvalho de Oliveira, 2019, v. 3, p. 46-54.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRAGANÇA, G. A. (2008) **A produção do saber nas pesquisas sobre o Fracasso Escolar** (1997-2007). Dissertação (Mestrado em Programa de Pós Graduação Em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004. 86 p.

BORGES, L.P.C. O futuro da escola: uma etnografia sobre a relação dos jovens com o conhecimento escolar. 2018. 151 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CARRANO, P; BRENNER, A. K. Os sentidos da presença dos jovens no Ensino Médio: representações da escola em três filmes de estudantes. **Educação & Sociedade** (Impresso), v. 35, p. 1223-1240, 2014.

CASTRO, P. de A. Controlar pra quê? Uma análise etnográfica da interação professor e aluno na sala de aula. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

CASTRO, P. A de. Tornar-se aluno: identidade e pertencimento – um estudo etnográfico. 2011. 157f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

DAYRELL, J. A juventude no contexto do ensino da sociologia: questões e desafios. IN: **Sociologia: ensino médio** (Coleção Explorando o Ensino). 1ed. Brasília: MEC Secretaria de Educação Básica, 2010, v. 15, p. 65-85.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100, especial, p. 1105-1128, 2007.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n.24, p. 40-52, 2003.

FIGUEIREDO, I. de L. Procedimentos de tematização e figuratização na produção textual de alunos de terceiro grau. **Revista do GELNE**. Ano 01, n. 01, p. 49-51, 1999.

FONTOURA, H. A. Formando Professores que aprendem a partir dos relatos: uma experiência da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da UERJ. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, vol. 17, n. 29, p. 137-146, 2008.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Millennials na América e no Caribe: trabalhar ou estudar?**. Brasília: Ipea, 2018. Disponível: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34460
Acessado em 02/02/2020.

MATTOS, C. L. G. de; BORGES, L. P. C.; CASTRO, P. A. de. Conceptual maps as a

methodological approach at educational research. **Open and Interdisciplinary Journal of Technology Culture**, v. 8, p. 32-43, 2013.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

MIGUEL, A. M. **Laço da laje**: jovens produtores de cultura. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação, da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p. 79, 2013.

MILLS, C. W. **A Imaginação Sociológica**. 4.^a ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. 246pp.

NOVAK, J. D. Clarify with concept maps. **Science Teacher**. 58(7): p. 44-49, 1991.

SENNA, L. A. G. Categorias e sistemas metafóricos. Um estudo sobre a pesquisa etnográfica. In: CLARETO, S. M. (Org.). **Pesquisa Qualitativa: Atualidades e perspectivas**. Educação em Foco, v. 11, n. 01, Editora UFJF, Juiz de Fora, mar./ago., p. 56-76, 2006.

SPOSITO, M. P.; SOUZA R.; SILVA, F. A. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p.170-308, 2018.

SPOSITO, M. P.; Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n. especial, p. 095-106, 2010.

ZAGO, N; CARVALHO, M. e VILELA, R. **Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 287-309, 2003.